

## Tekoá Araçá-í, caminhando e aprendendo com a espaço temporalidade entre os processos de Ara Ymã e Ara Pyau

## Tekoá Araçá-í, caminando y aprendiendo con espacio y temporalidad entre los procesos de Ara Ymã y Ara Pyau

Lunamar Cristina Morgan \* 

Paulo Rogério Lopes \*\* 

Keila Cássia Santos Araújo Lopes \*\*\* 

Ângela Massumi Katuta \*\*\*\* 

### Resumo

Este artigo apresenta inicialmente uma caracterização da *Tekoá Araçá-í*, uma comunidade *Mbyá Guarani* localizada em Piraquara, Paraná, e descreve o processo de construção do calendário *Mbyá Guarani* da Escola Estadual Indígena *Mbyá Arandu*. Utilizando a metodologia da observação participante, o estudo aborda o relacionamento entre a comunidade e seu entorno. A sistematização do calendário reflete o espaço tempo *Mbyá Guarani*, expresso na simbiose entre os elementos naturais, o seu modo de existência vinculado aos rituais que marcam a passagem da espaço temporalidade, orientada pelos ciclos solares, lunares, pelas mudanças de tipos de tempo, vistas nas transformações espaciais. O calendário detalha os ciclos de *Ara Pyau* (tempo novo) e *Ara Ymã* (tempo velho), cuja passagem é marcada por rituais e práticas agrícolas e territoriais fundadas na cosmo-ecologia do povo *Mbyá*, onde se valoriza o respeito e reconhecimento dos ciclos naturais e da ancestralidade. A partir da Agroecologia ressalta-se a importância de um posicionamento de escuta e aprendizado para a compreensão dessas cosmologias, ontologias e epistemologias.

**Palavras-chave:** calendário *Mbyá Guarani*; comunidade indígena; conhecimento tradicional indígena.

\* Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral. Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável. Matinhos, PR, Brasil. E-mail: [lunamarcristina@gmail.com](mailto:lunamarcristina@gmail.com)

\*\* Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral. Tecnologia em Agroecologia. Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável. Matinhos, PR, Brasil. E-mail: [agroecologialopes@gmail.com](mailto:agroecologialopes@gmail.com)

\*\*\* Universidade do Estado de Minas Gerais. Licenciatura em Geografia. Carangola, MG, Brasil.  
E-mail: [keila.lopes@uemg.br](mailto:keila.lopes@uemg.br)

\*\*\*\* Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral. Licenciatura em Geografia. Matinhos, PR, Brasil.  
E-mail: [angela.katuta@gmail.com](mailto:angela.katuta@gmail.com)

## Resumen

Este artículo presenta una caracterización de *Tekoa Araçá-í*, una comunidad *Mbyá Guarani* ubicada en Piraquara, Paraná, y describe el proceso de construcción del calendario *Mbyá Guarani* en la Escuela Estatal Indígena *Mbyá Arandu*. Utilizando la metodología de la observación participante, el estudio aborda la relación entre la comunidad y su entorno. La sistematización del calendario refleja el "espacio-tiempo mbyá guaraní", manifestado en elementos naturales y rituales, guiados por los ciclos solares y lunares, y cambios en los tipos de tiempo. El calendario detalla los ciclos de *Ara Pyau* (tiempo nuevo) y *Ara Ymã* (tiempo viejo), comprendiendo rituales, prácticas agrícolas y la cosmoecología del pueblo *Mbyá*, donde se valora el respeto y reconocimiento de los ciclos naturales y la ascendencia. Desde la Agroecología se destaca la importancia de escuchar y aprender a comprender estas epistemologías.

**Palabras clave:** calendario *Mbyá Guarani*; comunidad indígena; conocimientos tradicionales indígenas.

## Introdução

Nas diversas regiões do país, os povos indígenas re-existentem<sup>1</sup> para preservar seus modos de estar e ser no mundo, ressignificando suas culturas, cosmovisões e ancestralidades, intimamente conectados aos biomas onde vivem. O povo *Mbyá Guarani*, nativo da Mata Atlântica, considera esse ambiente complexo, a exemplo da Serra do Mar que guarda representações ideais das transições das vidas, onde elementos ecológicos e econômicos preservam vestígios das primeiras criações do mundo *Mbyá* (Ladeira, 2007).

Os *Mbyá Guarani* foram produzindo técnicas ancestrais de manejo da Mata Atlântica, evidenciadas em suas histórias de origem que integram aspectos ecológicos e culturais desse bioma. Estudos indicam um manejo detalhado, incluindo a seleção e uso diversificado de plantas cultivadas ao longo dos séculos (Pereira et al., 2016).

A pesquisa foi realizada na comunidade indígena *Tekoá Araçá-í* em Piraquara, região metropolitana de Curitiba - Paraná (PR). Localizada na Serra do Mar, uma Terra

<sup>1</sup> Para Ceceña *apud* Hurtado e Porto-Gonçalves (2022, p. 5): “Re-existência se entende como o poder de recomeçar, de regeneração, de dar novos sentidos ou renovar os sentidos da existência. Ou seja, os grupos sociais em situação de subalternização não apenas resistem em meio às relações de poder conflitivas, estão em um movimento de permanente reinvenção, reorganização, bebendo do passado, da tradição das lutas presentes para inventar o futuro. Saberes e fazeres anteriores, tradições e costumes são revisados e reformulados à luz de experiências novas que os reorganizam, enriquecem, negando-os ou afirmando-os para convertê-los em sentidos coletivos” (Tradução livre e grifo nosso).

Indígena (T.I.) em processo de retomada há cerca de 20 anos, onde a luta e cuidado com as vidas se fazem evidentes na prática, nos diálogos e nos ensinamentos.

O presente artigo tem como objetivo descrever a *Tekoa Araçá-í* e apresentar a sistematização do calendário *Mbyá Guarani*, organizado por estudantes e professores da Escola Estadual Indígena *Mbyá Arandu*. Através da observação participante, buscou-se compreender os conhecimentos tradicionais dos *Mbyá Guarani* e sua integração aos ciclos naturais e ao seu entorno, destacando a importância do calendário como instrumento de organização social, geográfica, cultural e espiritual na comunidade.

### **Povo *Mbyá Guarani*: à beira do oceano**

No Brasil vivem três grupos do Povo Guarani, os *Nhandeva*, *Kaiowá* e *Mbyá* (Ladeira, 2007). Essa divisão se justifica por variações linguísticas e também pelas diferenças de práticas culturais materiais e não materiais (Schaden, 1974). Esses grupos estão em alguns países que se instalaram sobre suas terras originárias, são eles: Brasil, Argentina, *Paraguay*, Bolívia e *Uruguai*.

No Brasil os *Mbyá* estão principalmente nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Dentre os grupos guarani no Brasil, são os *Mbyá* que têm feito o processo de mobilidade rumo ao litoral e Serra do Mar (Schaden, 1974; Ladeira, 2007).

Os *Mbyá* são um povo cuja centralidade do modo de existência está ligada à espiritualidade, guiados pelos *xamoi ou xeramoi* (líderes espirituais), vivenciam o movimento no espaço em seu modo de estar e ser no mundo, fazendo caminhadas chamadas por Ladeira (2015a) de *Guata Porã* (o belo caminhar). Possuem compreensões de território que vão além da compreensão dos não indígenas (Moreira, 2015) pois o comprehendem como um todo integrado em profunda simbiose cujos fundamentos estão vinculados à sua espiritualidade.

O *Guata Porã* guia o povo *Mbyá Guarani* na busca de lugares que consideram apropriados para seu modo de estar e ser no mundo, a fim de materializarem suas *tekoá*: espaços de cuidado com as vidas, de presença ancestral desse povo na Mata Atlântica, para esses grupos tudo o que existe possui vida, evidenciando uma concepção distinta daquela da sociedade envolvente.

## **Tekoa Araçá-í na Mata Atlântica**

*Tekoa, Tekoá e Tekoha* a grafia e a pronúncia mudam conforme as comunidades, criando pequenas diferenças no modo como autores no decorrer dos “séculos de contato” grafam e explicam o significado dessa palavra, diversidade própria das culturas orais. Optou-se no presente artigo, por manter a grafia de cada autor para todas as palavras em línguas indígenas<sup>2</sup>.

A abundância de rios e matas nessa região que beira o oceano, é ideal para uma *tekoá Mbyá-Guarani*. O lugar onde se existem as condições de ser Guarani (Farias; Hennigen, 2019). Em uma tradução quase literal, seria o lugar dos hábitos (Mendes, 2023), para Vargas (2022) é o lugar em que vivem.

Os Mbyá trilham suas caminhadas nos diversos espaços que ocupam, revivendo e renovando as histórias dos antepassados, buscando junto a essas matas próximas ao mar, manter seus lugares sagrados de cuidado com as vidas. A região é caracterizada por uma capacidade infinita de criar uma multiplicidade de formas de vida, tanto humanas quanto não-humanas, biológicas e culturais (Barbosa, 2022).

Como característica natural de identificação, tem se o *pindo*, o coqueiro jerivá (*Syagrus romanzoffiana*), presente na origem dos *Mbyá* Guarani, uma planta criada e deixada por *Nhanderu*, sua divindade, é o símbolo de um lugar onde podem morar, pois ali já passaram e viveram seus antepassados (Ladeira, 2007).

A *Tekoa Araçá-í*, fica localizada na transição da floresta ombrófila mista e a floresta ombrófila densa. Região marcada por símbolos e signos de antigas passagens Guarani, como a presença das plantas *Ka’á* (erva mate) e o *pindo* (Góes; Fernandes; Barbosa, 2022). A Terra Indígena está localizada em uma Área de Proteção Ambiental (APA) em Piraquara, e uma Área de Proteção Permanente (APP) constituída pelo Manancial da Represa Piraquara I (Vargas, 2022).

As Unidades de Conservação foram constituídas pela sociedade capitalista para amenizar os danos ambientais resultantes do seu próprio modelo de desenvolvimento, fundada na dicotomia entre o humano e a natureza. Para Souza Filho (2015) é uma área

<sup>2</sup> Há limites nos processos de tradução e sua relação com as visões de mundo, as palavras, sonoridades, cantos, rezas são passados geracionalmente através da oralidade, estamos cientes que a tradução e escrita das palavras para o português, é parte também de um processo derivado da colonização, apresentando limites de ordem onto epistêmica.

preparada para o processo de mercantilização das terras, pois ao serem esvaziadas, expulsando os povos de seus territórios, se tornam recurso econômico para o mercado.

Por meio de uma relação de uso que nega a terra como mercadoria, com seus conhecimentos ancestrais os *Mbyá Guarani* habitam a mata atlântica. É evidente a concordância de gestão territorial alinhadas à agenda global de conservação, com habilidade e experiência na restauração ecológica (Ladeira; Cossio, 2021).

No entanto, comunidades como *Araçá-í*, ainda enfrentam o impedimento de manejar suas roças tradicionais de agricultura itinerante por meio de manejos como o corte e a queima. O que limita o modo de estar e ser desse povo, ancestralmente relacionada à agricultura como já elucidaram Schaden (1974); Meliá (1990); Felipim (2001); Felipim e Queda (2005); Ladeira, (2007); Feijó (2015); Oliveira (2021), entre outros.

Os lugares onde habitam, são preferencialmente em meio à mata, no caso a Mata Atlântica que é de onde se originam os *Mbyá*. Por razão de um contato milenar com essa terra, guardam consigo um conhecimento ancestral a respeito da fauna e da flora local, o clima, os ciclos naturais, a vida como um todo.

### **Modo de estar e ser - Calendário Mbyá Guarani**

Uma área que se constitui enquanto uma *tekoá*, é o lugar sociocosmológico para a vivência de seu modo de estar e ser no mundo, de seu *tekó* ou *nhanderekó* (Farias; Hennigen, 2019). Noelli *et al.* (2019), apontam *o ñande reko* como o eixo que organiza anualmente ações sociais, econômicas, políticas e cosmológicas, definidas por um calendário astronômico, com passagem das estações, floração de algumas espécies, o surgimento e nascimento de certos animais e insetos em determinados ecossistemas.

*Nhanderekó* para os *Mbyá* é um sistema de vida e para ele funcionar tem que estar tudo interligado “Você tem que saber o que você está fazendo, mais do que proteger a vegetação e os animais, é proteger o todo” (Portal Catarinas, 2021, s. p.). A temporalidade é um dos componentes essenciais na formulação dos modos de conceber, estar e ser no mundo, pois é no tempo e com o tempo que as sociedades existem, se organizam e se (re)produzem em seus territórios (Borges, 2014).

A herança da sabedoria ancestral, ensinada de geração em geração, é materializada pelo calendário *Mbyá Guarani*. O tempo transcorre para os *Mbyá*, senão como algo cíclico,

ao menos espiralado, pelo fato de sempre ser acrescentada alguma coisa no processo (Schaan, 2018). Trata-se de uma concepção de tempo intimamente vinculada com as transformações espaciais. Para melhor compreensão dos não indígenas, a explicação seria de que ele é dividido em duas estações do ano: *ARAPYAU* (tempo novo), correspondente à primavera e verão, e *ARA YMÃ* (tempo velho), sendo o outono e inverno (Ladeira, 2007).

Essa percepção do tempo, é guiada pela criação de *Nhanderu*, expresso também pelas cerimônias (Borges, 2014), pelo sol, a lua, signos, astros (Moreira; Moreira, 2015) e pelos ciclos naturais, das estações, plantas e animais presentes em determinados lugares (Cossio, 2015). Os dias mais longos do *Ara pyau*, estão ligados ao rebrotar das árvores e ao amadurecimento dos frutos (Cossio, 2015). Quando começa *Ara ymã* (outono e inverno) entra o frio, tem pouca chuva, um sinal de *Nhanderu* de que todos estão se recolhendo (Ladeira, 2015b).

Há muito tempo o Povo Guarani percebeu que a atividade de caça, pesca, coleta e agricultura estão sujeitas a sazonalidade e procuraram desvendar os mecanismos que regem esses processos cósmicos, para utilizá-los em favor da sobrevivência da comunidade e dos outros seres (Moreira; Moreira, 2015). Oliveira (2021) afirma que os ciclos solares e lunares orientam as práticas de caça, coleta e agricultura, vinculadas ao calendário religioso anual marcado pelos rituais de plantio e colheita do milho guarani.

Importante destacar que, apesar do calendário gregoriano ter dias e meses fixos para as estações do ano, a tradição *Mbyá* comprehende tais transformações como algo cíclico, como um processo que culmina em certas características espaço temporais favoráveis ou não à agricultura, à caça, ao recolhimento, por isso, as temporalidades sobre *Ara pyau* e *Ara ymã* são distintas em cada comunidade.

O Manejo Territorial Guarani (MTG) garantia estoques de alimentos frescos, mais plantas medicinais e matérias-primas para um suprimento sustentável anual (Noelli *et al.*, 2019). As dificuldades enfrentadas na *tekoá Araçá-í*, onde há impedimento do manejo tradicional, tanto na agricultura, quanto na caça e coleta, limita seu *Nhandereko* e cria ou até mesmo reforça situações de insegurança (Auzani; Giordani, 2008).

Com o avanço da agricultura moderna, que incide no apagamento de saberes e práticas milenares, é necessário que ciências como a Agroecologia, possam ser incluídas cada vez mais nas pautas indígenas de políticas públicas para suas agriculturas tradicionais. Estruturadas em calendários próprios que possibilitam o entendimento do

manejo de acordo com os ciclos naturais e as mudanças da paisagem, sem destruir seus elementos como faz a agricultura moderna (Toledo; Barrera-Bassols, 2015).

O que requer um diálogo genuíno com as comunidades indígenas, podendo resultar em formulações que permitam o intercâmbio de conhecimentos (Feijó, 2015). Rompendo com a monocultura do saber e atuando na elaboração de saberes, relacionados às demandas dos detentores do saber tradicional (Felix *et al.*, 2022).

Sementes, plantas, cultivos, caça e pesca estão relacionadas ao seu modo de estar e ser no mundo, à espiritualidade e à ligação com os ancestrais, da mesma forma que são símbolos do presente e representam o cuidado do povo *mbyá* em semear o futuro, onde quer que estejam. Para apoiar e contribuir nessa caminhada ancestral *Mbyá Guarani*, é preciso silenciar, escutar, para então construir uma relação que possa ser justa, na compreensão dos processos, muito mais do que a busca por produtos, nessa troca, deve haver aprendizagens e ensinamentos mútuos.

### **Conhecimento Tradicional Indígena**

O pensamento das sociedades indígenas atua em uma outra perspectiva de conceber a relação entre a sociedade e a natureza, entre os humanos e os não-humanos, uma outra forma de perceber a relação entre a humanidade e o cosmos (Takuá, 2018). Cada povo indígena possui sua própria cosmovisão, relacionada ao contexto ecossistêmico em que está inserida, os aspectos territoriais e ecológicos influenciam na sua visão de mundo, pois não separam o humano da natureza e nem a natureza da cultura, como fazem os não indígenas (Peralta, 2022), gerando concepções outras de vida.

Organizam seus saberes a partir da cosmologia ancestral que garante e sustenta a possibilidade das vidas, tendo como base primordial a natureza. Na cosmologia estão os princípios norteadores e as premissas básicas da organização social, política, econômica e religiosa (Luciano, 2006). Para os *Mbyá Guarani* do Rio de Janeiro na *Tekoa Sapukai* em Angra dos Reis, o conhecimento tradicional pode ser traduzido como *Mbyá arandu*, onde *Mbyá* é a autodeterminação e *arandu*, seus saberes e práticas (Silva, 2019).

Segundo Moreira e Moreira (2015) para os indígenas Guarani, o conhecimento de seu povo está entre a sabedoria do universo, que nasce dentro deles e cresce conforme suas caminhadas, possibilitando adquirir experiências e ensinamentos, transmitidos para

as futuras gerações. Evidencia-se aqui que a prática do *Guata porã* amplia as experiências, conhecimentos, aprendizagens e ensinamentos vinculados aos diferentes ecossistemas e grupos que neles vivem.

Ao abordar o conhecimento indígena tradicional, somos direcionados aos distintos saberes e sabedorias acumulados através dos séculos e também às diversas formas de ver o mundo, isto é, a visão holística pela qual a existência humana é concebida pelas comunidades indígenas (Cavallo, 2018). O pressuposto de “tradicional” no imaginário popular é de que esses conhecimentos são transmitidos de geração em geração sem qualquer alteração no seu conteúdo ou forma lógica, o que não é a realidade pois na tradição oral eles são transformados de acordo com uma série de elementos (Silveira, 2015).

A tradição se constitui por meio do acúmulo de experiências e conhecimentos construídos entre as gerações, às quais incluem mudanças e inovações (Noelli *et al.*, 2019), configurando processos de re-existências. Os conhecimentos tradicionais precisam necessariamente estar em constante prática para serem mantidos, por isso são atualizados e ensinados às futuras gerações (Cunha; Elisabestky, 2015) possibilitando sua permanência no mundo.

O aprender se constitui na experiência de estar e fazer juntos (Góes; Fernandes; Barbosa, 2022). A construção do saber é o elo entre o novo, o antigo e o futuro, sem o qual esta conexão se perde, em geral, de forma irreversível (Baniwa, 2019). Na ciência indígena como é chamada por Correa Xakriabá (2018) e Peralta (2022), tem-se a valorização dos anciões, com suas experiências de vida, a comunidade tem a escuta e o coração aberto para aqueles que são líderes espirituais e fonte de conhecimentos ancestrais.

Destaca-se aqui a importância das pesquisas que vêm sendo elaboradas cada vez mais por pesquisadoras e pesquisadores indígenas no Brasil, se tornando essencial a leitura desses materiais, são eles: Baniwa (2019); Correa Xakriabá (2018); Luciano (2006); Moreira; Moreira (2015); Peralta (2022); Takuá (2018), dentre muitos outros.

## **Agroecologia**

A Agroecologia, tem sido reafirmada por um conjunto de sujeitos sociais, organizações, instituições de pesquisa e ensino como uma ciência, um enfoque ou disciplina científica, como prática (social) e como movimento ou luta política (Guhur; Silva, 2021). Oferece uma abordagem metodológica para a compreensão dos agroecossistemas indo além da restauração ecológica, reconhece que a sustentabilidade só é possível com a preservação da diversidade cultural das práticas agrícolas locais (Altieri, 2004). Construindo conhecimento pela simbiose e pela interação entre conhecimentos tradicionais e técnico-acadêmicos (Kaufmann; Wizniewsky, 2021).

Enquanto movimento social, a agroecologia se materializa na construção política dos povos dos campos, das águas, das florestas e das cidades, engajados em manter territórios sustentáveis, sem agrotóxicos e transgênicos, livres do racismo ambiental, do patriarcado e de todos os tipos de preconceito (Lopes; Monteiro; Lopes, 2022). Através da Agroecologia busca-se compreender o conhecimento que envolve o agroecossistema, suas reservas florestais, os rios, nascentes, a direção do sol, dos ventos, as estações do ano, as fases lunares, a diversidade local.

Peralta (2017) aponta a possível interculturalidade entre a agricultura do seu povo *Kaiowá e Guarani*, com as práticas da Agroecologia, considerando que ambas buscam a produção de alimentos saudáveis e o cuidado com a terra. O mesmo autor afirma que essa interculturalidade só é possível, se o conhecimento dos não indígenas não for considerado superior ao dos povos originários, aí sim, é possível uma troca justa (Peralta, 2022).

A pesquisa de Norder *et al.* (2019) intitulada “Agroecologia e povos indígenas: uma revisão bibliográfica”, realizada com comunidades de diferentes regiões, biomas e etnias mostra que, com respeito e metodologia, o conhecimento agroecológico, tem evidenciado os conhecimentos indígenas. A relação entre Agroecologia e povos indígenas, levada na perspectiva de participação, da escuta das demandas das comunidades e de práticas alinhadas aos seus modos de estar e ser, pode trazer resultados importantes tanto para os territórios como para a construção do conhecimento agroecológico.

Muitos dos princípios de agroecossistemas ecológicos, como sucessão natural de espécies, consórcios, estratificação, ciclagem de nutrientes, controle biológico, dentre outros, foram e são empregados pelas populações indígenas originárias nos seus sistemas

produtivos (Vasconcelos *et al.*, 2023). É cada vez mais necessário que povos indígenas estejam presentes na Agroecologia, em espaços onde sejam ouvidos com atenção e respeito. Isso inclui escutar as críticas contundentes ao modo de ser dos juruá (não indígenas) que frequentemente desconsideram os conhecimentos e manejos originários em seus projetos voltados às comunidades.

### **Descrição da área de estudo**

A pesquisa foi realizada na comunidade indígena *Tekoá Araçá-í*, do povo *Mbyá Guarani*, que fica localizada no município de Piraquara, região metropolitana de Curitiba - PR (TERRA, 2024), na face oeste dos contrafortes da Serra do Mar, já no planalto (Nunes, 2021). Localizada entre a Represa Piraquara I, na Barragem do Rio Caiguava e o reservatório do Carvalho, inserida em uma área de preservação ambiental na zona rural do município, com uma área de 224,12 km<sup>2</sup> (Silva, 2023).

O número de habitantes de cada comunidade varia, pois há a dinâmica de mobilidade entre aldeias que ocorre em função de casamentos, mortes, visitas de parentes, atritos políticos etc. (Ladeira, 2015b). Então, no diálogo com professores da escola *Mbyá Arandu*, o indicativo foi de 100 pessoas morando no local, neste momento.

Entre as instalações da aldeia, destacam-se a Casa de Reza (*Opy*) da comunidade, a Escola Estadual Indígena *Mbyá Arandu* e a Unidade de Saúde da SESAI (Secretaria de Saúde Indígena). As habitações na aldeia são predominantemente construídas com madeira e pau a pique. Localizada na área de contato entre a floresta atlântica e a floresta mista (floresta com araucárias) (Nunes, 2021), a região é marcada por símbolos e signos de antigas passagens Guarani, como a presença das plantas *Ka'a* (erva mate) e o *Pindo* (palmeira jerivá) (Góes; Fernandes; Barbosa, 2022).

A presença *Mbyá* em regiões próximas ao mar, se dá por razões ligadas à sua origem do mundo, de como compreendem seu território, os “verdadeiros lugares” (Ladeira, 2007). O líder espiritual da comunidade foi guiado por um sonho e também teve o apoio de não indígenas para encontrar o local, iniciou o *Guata* com algumas famílias, até chegarem à região onde vivem há mais de 20 anos (Góes; Fernandes; Barbosa, 2022).

O *guata*, a caminhada dos *Mbyá Guarani* por seu amplo território, foi iniciado pelo grupo da *Araçá-í*, em 1999, partindo da Aldeia Palmeirinha em Chopinzinho na Terra

Indígena de Mangueirinha, PR, guiado pelo líder espiritual *xamoi* Marcolino. Segundo o site Terras Indígenas no Brasil (2024) a Terra Indígena Araçá-í encontra-se com sua situação jurídica em estudo, estando na primeira fase de oito para conseguir a demarcação. O procedimento de estudo para delimitar o território indígena foi regulamentado pela Portaria 615/2008 da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI).

A área de estudo está dentro de uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável, especificamente uma APA<sup>3</sup>. Neste caso, há uma sobreposição entre o território indígena e o Parque Estadual Pico do Marumbi, uma unidade de conservação de proteção integral, o que exige uma gestão compartilhada e a garantia dos direitos de uso sustentável pela comunidade local, conforme as diretrizes da legislação.

### **Caminho metodológico**

Esse artigo faz parte do estudo de dissertação de mestrado, sobre o tema conhecimento tradicional e agrobiodiversidade na *Tekoá Araçá-í*. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) aprovou a pesquisa. A FUNAI, embora não responsável pela autorização devido à falta de demarcação da área, indicou que a pesquisa pode ser realizada conforme as normativas vigentes e os direitos indígenas. O diálogo para autorização da pesquisa na *Tekoá Araçá-í*, foi feito com duas lideranças locais, conforme organização da própria comunidade.

As saídas de campo e construção do calendário, fazem parte do Projeto de Pesquisa da UFPR-Setor Litoral. “Da minha janela vejo o mundo: cartografias sociais, geografias locais e materiais didáticos”. Foram realizadas sete saídas de campo, em uma saída de campo a cada um dos seguintes meses, outubro e dezembro de 2023, março, maio e agosto de 2024, em junho foram realizadas duas saídas de campo. O diálogo sobre a pesquisa com a liderança em março de 2023 foi realizado individualmente.

A partir da pesquisa-ação participativa, conforme Peruzzo (2017), realizou-se o envolvimento ativo da pesquisadora nas atividades do grupo, valorizando o protagonismo da comunidade na construção do conhecimento, foi essencial a inserção no contexto,

<sup>3</sup> As APAs são criadas para compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável dos recursos naturais, conforme definido pela Lei nº 9.985/2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (Brasil, 2000).

interagindo como membro e, por vezes, mediando o processo investigativo, respeitando os acordos prévios com o grupo e favorecendo sua mobilização.

Valeu-se da observação participante como forma de envolver-se na comunidade, a fim de compreender práticas e significados, sem a pretensão de uma visão distanciada ou 'objetiva', buscando entender a partir das experiências dos participantes (Geertz, 1973). Assim a pesquisadora pode conhecer a realidade da comunidade e criar certa confiança para compartilhar tempo com as e os *Mbyá* (Verdejo, 2010).

Durante as saídas de campo o foco foi participar da construção do calendário. Os registros foram feitos no caderno de campo e por fotoregistro, depois transcritos, realizando a sistematização e análise dos dados coletados na construção do calendário *Mbyá Guarani* na Escola Estadual Indígena *Mbyá Arandu*, na Tekoa Araçá-í.

## **Resultados e discussão**

### **Tekoa Araçá-í**

O nome Araçá-í foi dado pela abundância da frutífera nativa aracá (*Psidium cattleianum*) presente na comunidade, *Tekoa Araçá-í* seria a Aldeia do aracá pequeno. Próximo à Unidade de saúde, avista-se um pé de aracá-í, com uma abundante copa verde escura, (Fotografia 1).

**Fotografia 1 – Araça (*Psidium cattleianum*) na Tekoa Araça-í**



**Fonte:** a autora, 2024.

A *Tekoa Araçá-í* traz em sua origem o processo de Guata (Góes; Fernandes; Barbosa, 2022, p. 4). O *xamoi* Marcolino e a *xari* Natalina, vieram com sua família da Aldeia Palmeirinha, Chopinzinho-PR. A Aldeia Palmeirinha na TI Mangueirinha (PR), é atravessada pela BR 373, hoje, ao passar na frente desse território é possível ver os resultados da invasão ilegal de arrendamentos para o agronegócio, que destruiu as matas originárias.

A *Araçá-í* é expressão do desejo de um novo lugar para viver, uma solução para os conflitos vivenciados no antigo território (Auzani; Giordani, 2008). A família do *xamoi*, partiu em busca de um lugar tranquilo, com mata, que pudessem praticar as rezas, pois na aldeia que moravam enfrentavam o desafio da intromissão no modo de ser dos *juruá* dentro da comunidade (Silva, 2023).

Ao chegar no final da estrada de terra que leva à *Tekoa*, quando o pátio já fica visível, avista-se o *pindo*, a palmeira presente nas histórias passadas há gerações sobre criação e destruição do mundo *Mbyá Guarani*. Em frente à Escola *Mbyá Arandu* - sabedoria guarani, está o *pindo* (Fotografia 2) na beira da estrada, inclusive no estudo de Silva (2023) ela expõe uma foto de 2009 onde ele aparece, em frente à primeira *Opy*, casa de reza, construída no espaço em que agora está a escola.

**Fotografia 2 – Pindo (*Syagrus romanzoffiana*)**



**Fonte:** a autora, 2024.

A identificação dessa palmeira para os *mbyá*, aponta caminhos na relação de seus conhecimentos e sua agrobiodiversidade, onde há a convivência milenar entre uma planta sagrada e um povo. Como já foi abordado em outros estudos ela é considerada uma referência de pertencimento e territorialização *Mbyá Guarani* na Mata Atlântica (Farias; Henningen, 2019; Feijó, 2015; Ladeira, 2007; Ladeira, 2015b).

As pequenas casas de madeira, com suas cores amarronzadas, ficam acolhidas com os diferentes tons das folhas e troncos de árvores e arbustos. *Araçá-í* é um lugar que traz a sensação de beleza da vida, do *porã* (belo). Algo ou alguém é *porã* se existir vida, o sentido estético de beleza está conectado ao existencial e não diretamente relacionado ao visual (Bergamashi; Melo, 2018).

A observação participante aqui proposta foi atravessada pelo *envolvimento Mbyá Guarani* com as plantas, os animais e demais seres. Então primeiramente há que ressaltar, a vegetação abundante na comunidade, o que já remete ao manejo de cuidado com suas matas originárias.

No entendimento de Auzani e Giordani (2008), em pesquisa realizada na *Tekoa Araçá-í, Nhanderu* fez o mato para que os *Mbyá* vivessem nele e dele retirassem sua sobrevivência, através da coleta de frutos, da caça, da pesca e da retirada de ervas medicinais, por isso são sagrados e devem ser cuidados.

Schaan (2018 p. 180) em diálogos com uma anciã *Mbyá*, afirma que o contato com as alteridades que propicia, que devem ser evitadas ou procuradas, a relação entre conhecimento, memória e autonomia que o mato oferece é único. Até o momento, a pesquisadora percebeu que o mais usado pelos *Mbyá Guarani* é o termo mato, não mata, nem floresta. Então por hora, assim será chamado na pesquisa.

Algo para ser destacado, pois embasa a observação feita pela pesquisadora, é a experiência anterior da mesma com a *Tekoá Araçá-í*, em 2018 durante o Projeto de Voluntariado Acadêmico que fez na graduação.

O Projeto Roça iniciado por professores indígenas e não indígenas na Escola *Mbyá Arandu* da comunidade, contou com atividades como a roda de conversa, mutirões na roça, agrofloresta e horta. Essa experiência foi valiosa para a formação pessoal e profissional. Aprender com outros modos de estar e ser no mundo. Desde essa época, a pesquisadora tem trilhado esse caminho de aprendizado passando por outros trabalhos junto aos *Mbyá Guarani*, inspirada inclusive nos professores citados.

Góes, Fernandes e Barbosa (2022) ao discorrerem sobre os professores não indígenas, nas escolas indígenas, afirmam que devem ter disposição para o exercício cotidiano de aprender a escutar as vozes dos que vivem outras epistemologias, posicionando-se como aprendizes. A pesquisadora entende que, enquanto tecnóloga em Agroecologia, também precisa se posicionar como aprendiz e escutar as vozes dos que vivem outras ontologias e epistemologias. Considerando que a concentração para a escuta é uma prática intensa e sensível no cotidiano guarani (Bergamashi; Melo, 2018, p. 724).

### **Espaço Tempo Mbyá Guarani**

O tempo *Mbyá Guarani* se mostra nas falas profundas e poéticas, na escuta, na concentração nas rezas. Está manifesto na mata, nos ciclos das plantas e dos animais (Cossio, 2015). O tempo guiado pelo sol, pela lua, pelos astros (Moreira; Moreira, 2015), assim como o tempo sagrado da criação de *Nhanderu* (Borges, 2014). O tempo daquelas e daqueles que vivem junto do mato, dos rios, que cultivam as plantas, manejando a vida com cuidado originário, confluindo em beleza, equilíbrio, sabedoria há muitas gerações.

Conhecimentos que possibilitaram a existência de povos e ecossistemas, pois refletem a profundidade das observações realizadas sobre o ambiente ao longo do tempo, essas percepções são preservadas, transmitidas e aperfeiçoadas entre as gerações, sendo organizadas também na forma de calendários (Toledo; Barrera-Bassols, 2015).

O mestre quilombola Antônio Nego Bispo ensina que não existem coincidências e sim confluências e compartilhamentos (Santos; Pereira, 2023). Esse ensinamento tem sido presente nessa pesquisa, tão preciso e precioso como é o tempo. Confluências que levaram a pesquisadora até à *Tekoa Araçá-í*, durante a construção do Calendário *Mbyá Guarani* da comunidade, atividade realizada na Escola *Mbyá Arandu*, contando com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o sexto ano, professores indígenas e não indígenas e demais pessoas da comunidade.

A participação nessas atividades foi essencial, pois além de vivenciar a construção tão bela ou *porã* em *mbyá guarani*, do calendário, foi possível continuar um aprendizado iniciado em 2018. Na época, durante as mediações entre os professores da comunidade e a turma de graduação, sempre houve a orientação de respeitar o tempo *Mbyá Guarani*, ao chegar na roda de conversa e na escuta atenta deles e delas.

As atividades realizadas em 2018, eram de mutirões na roça, agrofloresta e horta, o tempo também foi reforçado na questão dos ciclos da lua. O *Xamoi* Marcolino e a *Xari* Natalina, orientaram a lua certa para plantar ou manejar na roça, práticas que foram iniciadas logo após o *Ara pyau* (tempo novo) na comunidade.

Sendo assim, o tempo *Mbyá Guarani* tem direcionado essa pesquisa e sua compreensão a respeito do conhecimento ancestral, no espaço tempo organizado no calendário com os ciclos, respeitando aquele regido pela origem criadora de *Nhanderu*. *Ara pyau* e *Ara yma* correspondem, aos tempos quentes e chuvosos e aos tempos frios e secos, configuram o calendário Guarani de renovação dos ciclos, organizam o cosmos e dão sentido à vida social (Ladeira, 2007).

O tempo transcorre para os *Mbyá*, senão como algo cíclico, ao menos espiralado, porque sempre se acrescenta alguma coisa no processo (Schaan, 2018), não há repetições, há movimentos que tendem a certas características sazonais. Por mais que o calendário espelhe um tempo cíclico não permite, a princípio, caracterizá-lo como um tempo circular, a repetir-se indefinidamente como um eterno mesmo (Borges, 2014), a exemplo das hegemônicas descrições das estações do ano da tradição eurocentrada.

O início e o final de cada tempo do ciclo vão depender da região e seu micro clima, sem uma data exata para início e duração de cada tempo, são os avisos da flora e da fauna, dos acontecimentos, de cada mudança do tipo de tempo que determinam seu início e fim, consequentemente, suas atividades, o ritmo e a vida na *tekoá* (Ladeira, 2015b). Na *Tekoá Araçá-í* a passagem do tempo é marcada por dois rituais de batismo que ocorrem ao longo do ano: o *Nhemongarai* e o *Nhemongarai Ka'a* (batismo da erva mate), o primeiro marca o fim do *Ara ymã* e o início do *Ara pyau* (Góes; Fernandes; Barbosa, 2022), e o segundo ocorre em meados do meio do ano, ambos são rituais de batismo.

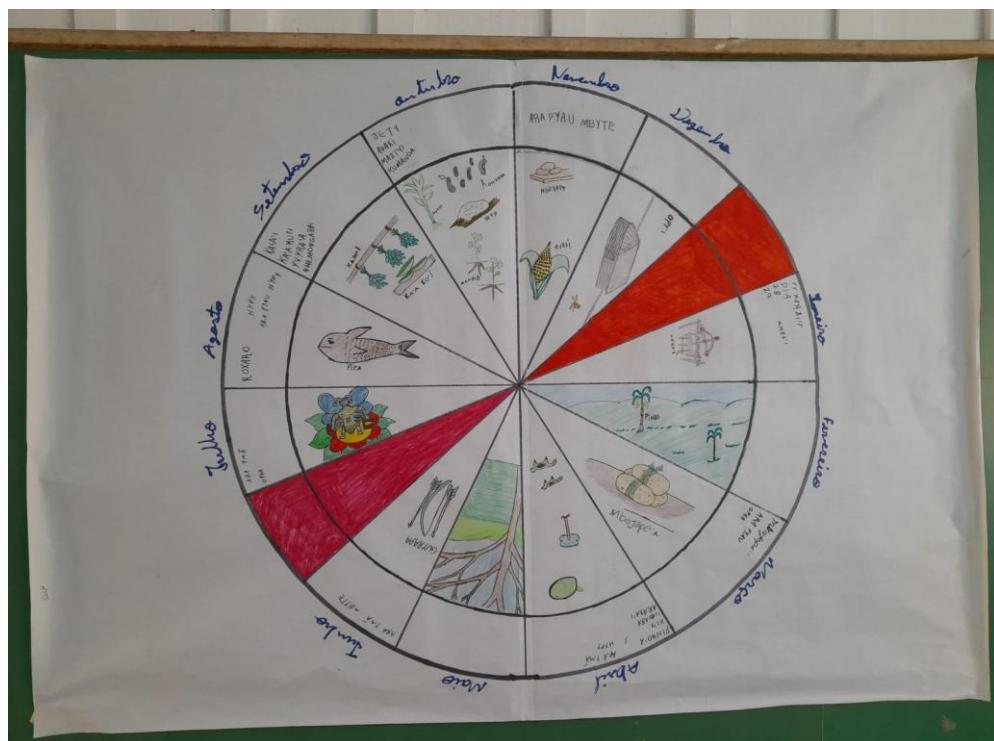
O calendário foi exemplificado com os meses do calendário gregoriano. A construção foi valiosa pois permitiu entender um pouco mais desse conhecimento a respeito de ciclos naturais. A cada estação do ano, há uma nova oportunidade para aprender (Moreira; Moreira, 2015).

A atividade foi realizada a partir de uma troca entre adultos e jovens. Os saberes sagrados fazem a ponte entre o novo e o antigo, entre o presente e o passado, entre o passado e o futuro (Baniwa, 2019). As crianças, mesmo que passageiramente, iam curiosas ver o que eram os desenhos se formando naquela grande cartolina na mesa. Aprender

juntos, às vezes sem perceber que está aprendendo (Góes; Fernandes; Barbosa, 2022) é uma estratégia preciosa.

O caminho de construção do calendário está sendo percorrido, no momento foram identificadas e descritas algumas plantas, animais, alimentos e rituais (Figura 1). Como as atividades são dialogadas principalmente na língua *Mbyá*, então à pesquisadora cabe destacar o que está desenhado e descrito.

**Figura 1–** Calendário *Mbyá Guarani* na Tekoa Araça-í



**Fonte:** A Autora, 2024.

Aprender sobre a espaço temporalidade *Mbyá Guarani*, mostra como o conhecimento tradicional indígena carrega intrinsecamente a conservação das diferentes formas de vida que estão na *Tekoá Araçá-í*, como veremos a seguir pela fauna e flora presente nos desenhos.

### ***Ara Pyau***

Durante as atividades, ao falar do *Ara pyau*, repetiram-se algumas vezes a explicação para os não indígenas, que se tratava do tempo novo que é também o das plantações. As plantas começam a florir, as aves põem seus ovos, os animais acasalam e os humanos entram

num processo ritual de consagração (Silva, 2023). É o começo da transformação de um novo ciclo da terra que envolve todos os seres vivos (Moreira; Moreira, 2015).

No começo de *Ara pyau*, correspondendo ao mês de agosto, na *Tekoá Araçá-í*, foi simbolizado com o *pirá*, peixe. Segundo estudos de Ladeira (2015b), no começo de *Ara pyau*, já não se pode caçar, mas já inicia o tempo da pesca.

No mês de setembro, está o batismo da *ka'a'i*, erva-mate (*Ilex paraguariensis*). Como se pode observar na imagem do calendário, foi feito um desenho adorável de galhos e folhas pendurados como acontece na defumação. Abaixo dos galhos pendurados, verifica-se um recipiente feito com o porongo e a *ka'a'i* já está pilada/processada.

Nos estudos de Zoccoli e Castanheira (2012) na mesma comunidade, os autores apontam que o ritual do *Kaá* é um dos mais expressivos para os Guarani, apresentando sua complexidade, é realizado no equinócio de primavera.

A entrada de *Ara pyau* indica que a frequência na *Opy* se intensificará e, com isso, o uso da erva-mate, o que demanda o ritual do *kaa nhemoingue* (Ladeira, 2015b).

O *avaxi* (milho), *jety* (batata), *mandio* (mandioca) e *komanda* (feijão) aparecem juntos no mês de outubro. Os consórcios muito bem elaborados ancestralmente pelos Mbyá, são característicos e destacados em estudos como os de Oliveira (2021), Felipim e Queda (2005) e Peruzzo (2021).

O *Ara pyau Mbyte* (meio do tempo novo) é destacado em novembro, quando é feito *mbojape*, um bolinho do *avaxi* (milho) colhido, representando a colheita. A casa de *Nhanderu* está aberta no *Ara pyau mbyte*, então, em dezembro foi desenhada a *Opy* com uma fogueirinha ao lado. As crianças cujos nomes são sonhados pelo *Xamoi*, são por ele batizadas em janeiro.

Nunes (2021) evidenciou que o *Ñemongarai* acontece todos os anos na *Tekoá Araçaí* normalmente no mês de janeiro, sendo o ritual da colheita do milho o mais importante para as aldeias do litoral paranaense. O *avaxi* é elementar no batismo das crianças (Felipim, 2001). Nessa época ele já está colhido e seco para fazer a cerimônia (Ladeira, 2007).

Willrich (2020) enfatiza que das aldeias do litoral paranaense, esse ritual se realiza somente com a presença do *xamoi* Marcolino pois ele se comunica com as divindades durante a cerimônia.

Quando chegam as fortes tempestades, realizam o ritual de atribuição dos nomes-almas às crianças, revelados aos dirigentes espirituais. É realizado na *Opy* e pode ser feito junto com o batismo (ou benzimento) do milho e do *kaa* (mate) (Ladeira, 2015b).

O *pindo* aparece no desenho do calendário, em fevereiro, sua época de colheita. Duas palmeiras foram desenhadas num campo aberto, uma com cachos e a outra sem. Ladeira (2007, p. 86) faz referência às duas palmeiras, macho e fêmea, criadas por *Nhanderu*, no primeiro mundo. Quando veio o terremoto ficaram só as suas sementes, *pindo rayi*, no mundo. Que depois brotaram novamente.

O desenho do bolinho de milho aparece novamente e, dessa vez, está destacado em março, mas, como afirmou um dos *Mbyá*, esse é o *Mbojape* de milho já seco, feito do fubá. Esse tempo está intitulado como *Ara Pyau opaa*, algo como o final do tempo novo.

### ***Ara Ymã***

Silva (2023) em sua pesquisa sobre o território da *Tekoa Araçá-í*, elucida que *Araymã*, é o tempo de recolhimento, quando o sol se afasta da terra, *Nhanderu* fecha a porta do seu *Opy*, todos os seres se recolhem, na Terra, tudo fica mais silencioso e escuro. Em *Ara yma*, os pássaros botam os ovos, que nascem em *Ara pyau* (Ladeira 2007).

No tempo velho colhem-se frutos silvestres e se faz a caça. O *Ara Ymã hypy* início do tempo velho, para a *Tekoa Araçá-í* corresponde ao mês de abril, os desenhos indicam que chegou a época do *pinho 'a* (pinhão), através do desenho de uma araucária.

A araucária está desenhada abaixo de uma goiaba. Os *xi'i* (quati) também foram desenhados indicando o período de caça. Mesmo sem ter sido representada, o *araxá-í* que dá origem ao nome da comunidade, está ali escrito.

Em maio foi feito o desenho de uma árvore em que só aparecem os galhos, porque no início de *Ara ymã* caem as folhas. O *Ara ymã Mbyte* (meio do tempo velho), acontece no mês de junho, com um desenho de arco e flecha, indicando tempo de caça. Porém essa caça não é realizada na comunidade, devido a sobreposição com as UCs já citadas no artigo.

Em julho é o *Ara ymã Opaa* (fim do tempo/ano velho) e para representá-lo foi feito um desenho de uma abelha mais robusta. Como o calendário está em processo de construção, ainda será dialogado sobre o significado.

Tem uma faixa colorida em vermelho no meio do calendário, foi um erro de cálculo das fatias no círculo, então ressignificado ganhou cores vibrantes em meio aos desenhos muito bem contornados pelos *Mbyá*. Dialogado com um dos participantes, na vetorização do trabalho a faixa será retirada.

O calendário desenhado manualmente em papel com lápis, colorido a lápis de cor, está sendo vetorizado pelo grupo de pesquisa do qual a autora faz parte. Utilizando a ferramenta Gimp, os desenhos feitos a mão serão digitalizados e o calendário será impresso em formato de banner para ser utilizado como material didático na Escola Estadual Indígena *Mbyá Arandu*.

O calendário *Mbyá Guarani*, a divisão do tempo em *Ara ymã* e *Ara pyau*, trazem conhecimentos a respeito do ecossistema em que estão inseridos e da relação com suas origens como criações de *Nhanderu* (Deus) (Borges, 2014). Antigamente não se usavam os meses como indicadores e pelo que informa Moreira e Moreira (2015) havia maior complexidade, pois, além do sol, da lua, do clima também se orientavam por estrelas e astros que representavam caminhos no céu.

Calendários que organizam rituais, agricultura, caça, pesca e coleta são fundamentais para as comunidades indígenas, refletindo o acúmulo de experiências e interações com o ambiente (Toledo; Barrera-Bassols, 2015). Estudos que abordam essas narrativas espaço-temporais e resultam de demandas construídas com a comunidade podem fortalecer os conhecimentos ancestrais, essenciais ao seu modo de ser e estar, e reafirmar a relação de cuidado com os demais seres.

### **Considerações finais**

A *Tekoa Araçá-í*, traz em sua trajetória a espaço temporalidade dos antepassados: caminhando os caminhos que trilharam seus ancestrais, seguindo ciclos. Na Serra do Mar em meio à mata tão biodiversa, com plantas e animais que estão presentes nas suas histórias de origem, criação e destruição do mundo re-existentes os *Mbyá Guarani*.

O conhecimento ancestral, construído e transmitido através da oralidade e da prática fica evidente no calendário *Mbyá Guarani*, a compreensão sobre os ciclos que resultantes das relações ecossistêmicas é um ensinamento de um modo de estar e ser no

mundo, em que o conhecimento a respeito do sol, da lua, os pássaros, peixes, plantas e demais seres atua em busca de um equilíbrio, da produção e cuidado com as vidas.

O aprendizado seguirá através da construção do calendário que está em andamento e na elaboração da dissertação de mestrado. Compreender o espaço tempo *Mbyá Guarani*, respeitar seus conhecimentos ancestrais, sua relação com os demais seres com quem coabitam. Tudo isso nos ensina sobre outros mundos possíveis, onde o ser humano não é a centralidade, mas só mais uma espécie que faz parte de um todo em ampla simbiose.

## **Agradecimentos**

Agradecemos imensamente à *Tekoá Araçá-í*, pelos momentos de aprendizados, ensinamentos, compartilhamentos e alegrias vivenciados no processo de construção do Calendário *Mbyá Guarani, há'evete*. Também a todas e todos que participaram através do Projeto de Pesquisa da UFPR-Setor Litoral. “Da minha janela vejo o mundo: cartografias sociais, geografias locais e materiais didáticos”, seguimos. *Aguyjевете* para quem luta!

## **Referências**

**ALTIERI, M.** **Agroecologia:** a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

**AUZANI, S. C. da S.; GIORDANI, R. C. F.** Inter-relações entre espaço físico, modo de vida Mbyá-Guarani e alimentação na perspectiva da segurança alimentar: Reflexões sobre a área indígena Araça-í em Piraquara/PR. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 129-165, 2008. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-6524.3115>

**BANIWA, G.** **Educação escolar indígena no século XXI:** encantos e desencantos. Rio de Janeiro: Mórula; Laced, 2019.

**BARBOSA, T. B.** **As dádivas que vêm da mata:** Espaços, histórias e trajetórias na sobreposição socioambiental entre a Tekoa Kuaray Haxa e a reserva biológica Bom Jesus (Guaraqueçaba-PR). 2022. 141 f. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

**BERGAMASCHI, M. A.; MELO, D. C. S.** Karaí Arandú na Bienal do Mercosul: educação guarani como possibilidade para uma estética decolonial. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 8, p. 719-749, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/2237-266078816>

BORGES, L. C. Os Guarani Mbyá e a categoria tempo. **Tellus**, Campo Grande, v. 2, n. 2, p. 105-122, 2014.

BRASIL. Lei n. 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 19 jul. 2000.

CAVALLO, G. A. Conhecimentos ecológicos indígenas e recursos naturais: a descolonização inacabada. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 13.1, p. 85-102, 2018.

CORREA XAKRIABÁ, C. N. **O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá**: reativação da memória por uma educação territorializada. 2018. 218 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/34103>. Acesso em: 28 maio 2025.

COSSIO, R. R. **Etnoecologia caminhante, oguata va”e, em trilhas para descolonização de relações interculturais**: Circulação de pessoas e plantas Mbya Guarani entre Brasil e Argentina. 2015. 222 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

CUNHA, M. C.; ELISABETSKY, E. Agrobiodiversidade e outras pesquisas colaborativas de povos indígenas e comunidades locais com a academia. In: UDRY, C.; EIDT, J. S. **Conhecimento tradicional**: conceitos e marco legal. Brasília: Embrapa, 2015. p. 201-226.

FARIAS, J. M.; HENNIGEN, I. A Tekoá Ka’aguy Porã: espaço ancestral e produção de subjetividade Mbya-Guarani. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Rio Grande do Sul, v. 39, n.spe, p. 53-66, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003221659>

FEIJÓ, C. T. **Entre Humanos, Deuses e Plantas**: Uma etnografia sobre as perspectivas Mbyá Guarani na manutenção das kokue contemporâneas. 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

FELIPIM, A. P. **O Sistema Agrícola Guarani Mbyá e seus cultivares de milho**: um estudo de caso na aldeia Guarani da Ilha do Cardoso, município de Cananéia SP. 2001. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Piracicaba: Esalq-USP, Brasil, 2001.

FELIPIM, A. P.; QUEDA, O. O sistema agrícola Guarani Mbyá e seus cultivares de milho: um estudo de caso. **Interciênciac**, Caracas, v. 30, n. 3, p. 143-150, 2005.

FELIX, F. M. et al. MBA’ETU AYVU RAPYTA: Língua (Gem) E Educação Linguística Numa Pesquisa-Ação Com Professores Da Escola Indígena Mbya Arandu. **Revista De Letras-Juçara**, Maranhão, v. 6, n. 2, p. 165-195, 2022. DOI: <https://doi.org/10.18817/rlj.v6i2.3036>

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro, 1973.

GÓES, L. M.; FERNANDES, N. G.; BARBOSA, R. G. Silenciar, escutar, conviver, resistir e sonhar: aprendizados na Escola Mbya Arandu. **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, p. 1-22, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782022270042>

GUHUR, D.; SILVA, N. R. Verbete Agroecologia. In: DIAS, A. P. et al. (org.). **Dicionário de Agroecologia e Educação**. São Paulo; Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2021. p. 59-73.

HURTADO, L. M.; PORTO-GONÇALVES, C. W. Resistir y re-existir. **GEOgraphia**, v. 24, n. 53, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2022.v24i53.a54550>

KAUFMANN, M. P.; WIZNIEWSKY, J. G. **Bases Epistêmicas da Agroecologia**. 1. ed. 99p. Santa Maria. UFSM, NTE, UAB. 2021.

LADEIRA, M. I. **O caminhar sob a luz - Território Mbyá à beira do oceano**. São Paulo: UNESP, 2007.

LADEIRA, M. I. **GUATA PORÃ**: Belo Caminhar. Versão Online. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista - CTI, 2015a.

LADEIRA, M. I. **Espaço geográfico Guarani-Mbyá**: significado, constituição e uso. Versão Online. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista-CTI, 2015b.

LADEIRA, M. I.; COSSIO, R. R. Contribuições dos Guarani à biodiversidade na área da Mata Atlântica – Ka’aguy etc. In: CUNHA, M. C; MAGALHÃES S. B.; ADAMS C. (org.). **Povos tradicionais e biodiversidade no Brasil**: contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças. São Paulo: SBPC, 2021.

LOPES, K. C. S. A.; MONTEIRO, G. R. F. de F.; LOPES, P. R. Ecologia Política, Agroecologia e Comunidades Tradicionais. **SAPIENS-Revista de divulgação Científica**, Carangola, v. 4, n. 2, p. 4-8, 2022.  
<https://doi.org/10.36704/sapiens.v4i2.7322>

LUCIANO, G. dos S. Educação Indígena. In: LUCIANO, G. dos S. et al. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MELIÀ, B. A terra sem mal dos Guarani: economia e profecia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 33, p. 33-46, 1990. DOI: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1990.111213>

MENDES, L. Retomar a vida nos (des) trozos, modos guarani de habitar florestas em Misiones, Argentina. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 29, n. 66, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9983e660402>

**MOREIRA, M. Visão Guarani sobre o Tekoa:** Relato do pensamento dos anciões e líderes espirituais sobre o território. Monografia (Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena) - UFSC. Florianópolis, 2015.

MOREIRA, G.; MOREIRA, W. C. Calendário cosmológico: os símbolos e as principais constelações na visão guarani. **Suplemento antropológico**, Florianópolis, n. 50, p. 325-379, 2015.

NOELLI, F. S. et al. Ñande reko: fundamentos dos conhecimentos tradicionais ambientais Guaraní. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 13-45, 2019. DOI: <https://doi.org/10.26512/rbla.v11i1.23636>

NORDER, L. A. C. et al. Agroecologia em terras indígenas - uma revisão bibliográfica. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 291-329, jul./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-6524.88858>

NUNES, T. M. D. **Conhecimento tradicional Guarani Mbya sobre Abelhas Indígenas Sem Ferrão:** Implantação da Meliponicultura como uma contribuição à valorização da cultura e sustentabilidade na Mata Atlântica do Paraná. 2021. p.186. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial Sustentável) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável, Universidade Federal do Paraná/Setor Litoral, Matinhos, 2021.

OLIVEIRA, D. Território histórico e transformações contemporâneas da paisagem Guarani. In: CUNHA, M. C; MAGALHÃES S. B.; ADAMS C. (org.). **Povos tradicionais e biodiversidade no Brasil:** contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças. São Paulo: SBPC. 2021. p. 217-220.

PERALTA, A. A Agroecologia Kaiowá: tecnologia espiritual e bem viver, uma contribuição dos povos indígenas para a educação. **MovimentAção**, Dourados, v. 4, n. 06, p. 01-19, 2017. DOI: <https://doi.org/10.30612/mvt.v4i06.7542>

PERALTA, A. **Tecnologias espirituais:** reza, roça e sustentabilidade entre os Kaiowá e Guarani. 2022. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade) - Faculdade intercultural Indígena, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados. 2022.

PEREIRA, G. de S. et al. Ecologia histórica Guarani: as plantas utilizadas no bioma Mata Atlântica do litoral sul de Santa Catarina, Brasil (Parte 1). **Cadernos do LEPAARQ (UFPTEL)**, Pelotas, p. 197-246, 2016. DOI: <https://doi.org/10.15210/lepaarq.v13i26.7608>

PERUZZO, C. M. Krohling. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. **Estudios sobre las culturas contemporáneas**, v. 23, n. 3, p. 161-190, 2017.

PERUZZO, G. do A. **O fogo e o ancião:** poéticas do sagrado-cotidiano junto a uma família Mbyá Guarani na Tekoá Pindó Mirim. 2021. p. 338. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2021.

PORTAL CATARINAS. **Kerexu Yxapyry fala sobre nhanderekó, o Bem Viver no modo de vida Guarani**, 2021. Disponível em: <https://catarinas.info/kerexy-yrapypy-fala-sobre-o-nhanderekó-o-bem-viver-ao-modo-guarani/>. Acesso em: 8 abr. 2024.

SANTOS, A. B.; PEREIRA, S. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SCHAAN, E. S. **Uns Guarani:** os Mbya e suas alteridades: parentesco, movimento e tempo, 2018. p. 242. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2018.

SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da cultura guarani.** 3. ed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1974.

SILVA, A. P. da. Saberes tradicionais Tupi: estar junto, aprender, Nhembojera. **Cadernos CEDES**, v. 39, n. 109, p. 379-396, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/cc0101-32622019216679>

SILVA, N. **Tekoa Araçá-í:** Território Mbyá Guarani. 79 f. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) - Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2023.

SILVEIRA, D. S. da. Etnoconhecimentos Indígenas e Manejo Sustentável da Biodiversidade. Culturas e Histórias dos Povos Indígenas no Brasil: novas contribuições ao ensino. In: MANO, M.; CAMARGO, B.; SANTOS, B. (org.). **Culturas e Histórias dos Povos Indígenas no Brasil:** novas contribuições ao ensino. Uberlândia: Gráfica Digital Eireli, p. 280-324, 2015.

SOUZA FILHO, C. F. M. Terra mercadoria, terra vazia: povos, natureza e patrimônio cultural. **InSURgênciA: revista de direitos e movimentos sociais**, v. 1, n. 1, p. 57-71, 2015. DOI: <https://doi.org/10.26512/insurgencia.v1i1.18789>

TAKUÁ, C. Teko Porã, o sistema milenar educativo de equilíbrio. **Rebento**, São Paulo, v. 8, n. 9, p. 5-8, dez. 2018.

TERRA Indígena Araçai (Karuguá). **Terras Indígenas**, 2024. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/4973>. Acesso em: 25 jan. 2024.

TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **Memória Biocultural:** A importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015.

VARGAS, F. dos S. Experiências enquanto educador pesquisador, diálogos entre a cartografia social e a educação escolar indígena. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFAS E GEÓGRAFOS, 20., 2022, Passo Fundo. **Anais eletrônicos**. Passo Fundo: Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB, 2022. Disponível em: <https://www.eng2022.agb.org.br/arquivo/downloadpublic>. Acesso em: 27 ago. 2024.

VASCONCELOS, B. N. F. et al. O conhecimento ameríndio no manejo dos ecossistemas florestais: Uma breve revisão. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 416-433, 2023. DOI: <https://doi.org/10.33240/rba.v18i1.23690>

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico rural participativo:** guia prático. 3. ed. Brasília: MDA, 2010.

WILLRICH, C. **Presença Guarani no litoral do Paraná:** aprendendo com o Nhanderekó. 2020. 76 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, Programa de Mestrado em Desenvolvimento Territorial Sustentável, Matinhos, 2020.

ZOCCOLI, U. S.; CASTANHEIRA, N. P. O ritual do Kaá dos Mbyá-Guarani da aldeia Araçaí de Piraquara-PR. **Revista Intersaberes**, v. 7, n. 14, p. 388-403, 2012.

Recebido em 31/03/2025.

Aceito para publicação em 10/06/2025.